

COMUNICAÇÃO, CONTEXTOS ORGANIZACIONAIS E REGIONALIDADES: LEITURAS POSSÍVEIS SOBRE A PANDEMIA DA COVID-19

Isaura Mourão¹
Rennan Mafra²

Resumo

Este artigo propõe um exercício de reflexão acerca das noções de globalização/mundialização e sua interface com os processos comunicativos, sobretudo em contextos organizacionais. De modo mais específico, parte de enfrentamentos decorrentes da pandemia da Covid-19 que fizeram aflorar diferenças de condições sócio-econômico-políticas-culturais de cada lugar, marcadas e evidenciadas pela noção de regionalidades. A pandemia foi mundial, afetando todos os territórios do globo, mas não de maneira homogênea. Nesse sentido, a compreensão da regionalidade como complexo de relações que ganham características distintas e marcam os processos comunicativos confere um olhar que nos conduz a pensá-la como categoria analítica para a comunicação organizacional, capaz de oferecer leituras possíveis aos modos como interações e sentidos em disputa são conformados em diversos contextos.

Palavras-chave

Comunicação Organizacional; Regionalidades; Mundialização; Globalização; Sentidos em disputa.

Abstract

This article proposes a reflection exercise on the notions of globalization/worldliness and its interface with communicative processes, especially in organizational contexts. More specifically, it stems from confrontations resulting from the Covid-19 pandemic that brought out differences in socio-economic, political and cultural conditions in each place, marked and evidenced by the notion of regionalities. The pandemic was worl-

¹ Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (2019), Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas (2014). Professora Adjunta no Departamento de Comunicação Social (DCM) da Universidade Federal de Viçosa (UFV). ORCID: 0000-0002-9565-5733 - CV: <http://lattes.cnpq.br/5524647062815991> - e-mail: isaura.generoso@ufv.br

² Doutor (2011) e mestre (2005) em Comunicação, na área de concentração Comunicação e Sociabilidade Contemporânea, e graduado em Comunicação Social (2001), habilitação Relações Públicas, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Associado no Departamento de Comunicação Social (DCM) da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e credenciado no quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). ORCID: 0000-0002-9078-5475 - CV: <http://lattes.cnpq.br/7855740978392721> - e-mail: rennan.mafra@ufv.br

dwide, affecting all territories of the globe, but not homogeneously. In this sense, the understanding of regionality as a complex of relationships that gain distinct characteristics and mark the communicative processes gives a look that leads us to think of it as an analytical category for organizational communication, capable of offering possible readings to the ways in which interactions and meanings in dispute are shaped in different contexts.

Keywords

Organizational communication; Regionalities; Globalization; Globalization; Conflicting senses.

Proposições iniciais para a reflexão

A pandemia da Covid-19, um acontecimento de âmbito mundial, afetou as relações sociais, as relações de trabalho e as relações interpessoais durante os anos de 2020/21. Impactou em mudanças de comportamento e nas formas de se viver no mundo inteiro, desarticulando e interferindo nas relações sociais, nos sentidos construídos e em processos culturais e comunicativos. Levou os sujeitos a buscarem um mundo virtual, utilizando diferentes plataformas digitais para se comunicarem, se conectarem e se sentirem em sociedade. No entanto, que sujeitos foram capazes de ter acesso a esse mundo virtual? Questões como condições financeiras e econômicas, acesso à internet banda larga e familiaridade com a tecnologia e com as plataformas digitais são apenas alguns dos elementos que retratam tais diferenças. Em meio a elas, lugares e territórios, identificados e visibilizados em meio a um projeto global da própria modernidade, tonalizaram os modos como a pandemia foi – e vem sendo – experienciada, resultando em configurações distintas provocadas por um mesmo acontecimento.

Apenas para se ter ideia dos impactos e das dificuldades afloradas pelos cenários pandêmicos, uma pesquisa realizada no final de 2021 pelo Instituto DataSenado³ em relação à educação durante a pandemia aponta que pais, mães e responsáveis entrevistados/as relataram que não tinham condições de ensinar os filhos e as filhas, seja por falta de tempo, seja por falta de conhecimento – e também ainda pela ausência de equipamentos adequados em casa. Outro estudo, realizado por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro, um dos municípios brasileiros com altas taxas de mortalidade ao longo da pandemia, concluiu que a incidência e a mortalidade nas áreas denominadas Aglomerados Subnormais (ASN) – áreas de baixo padrão socioeconômico, com alta densidade populacional e condições precárias de

³ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/impactos-da-pandemia-na-educacao-no-brasil>. Acesso em 12 Setembro 2020.

habitação e saneamento – “estão significativamente relacionadas com as estruturas sociodemográficas” (MARTINS et al, 2022, p. 299), condições que certamente também impediram o acesso desses sujeitos ao mundo virtual, excluindo-os/as da sociedade midiaticizada e mediada pelas tecnologias e plataformas digitais. No contexto da pandemia da Covid-19, sobretudo nos meses pautados pela imposição do isolamento social como estratégia de sobrevivência, muitos desses sujeitos estiveram, em última análise, excluídos da própria possibilidade de existirem frente às instituições modernas do Estado, do Mercado e da Ciência (MAFRA, 2021), e da distribuição de recursos materiais e simbólicos que operaram durante este intenso período.

Esses e outros estudos realizados demonstraram que, além de desarticular e interferir nos modos de se viver, a pandemia também evidenciou diferenças econômicas, sociais e históricas. Perturbou o mundo todo, mas não de forma homogênea, pois “o mundo se torna funcional nos lugares” (SANTOS, 2013, p. 164) e, dessa forma, os impactos decorrentes da pandemia afetaram de modo diferente cada região do mundo e fizeram emergir ênfases diversas para um mesmo acontecimento. Neste texto, argumentamos, por essa perspectiva, que o modo como a pandemia acionou e fez aflorar as diferenças decorrentes de condições sócio-econômico-políticas-culturais de cada lugar é gesto que pode ser compreendido a partir da categoria explicativa da *regionalidade*. Ao longo do texto, defenderemos que, muito ao contrário de ser vista como algo fechado dentro de determinadas fronteiras territoriais co-dependentes funcionalmente de um centro, a *regionalidade* - como categoria analítica - ou as *regionalidades* - pluralidades existenciais emergentes em tensionamentos territoriais e sócio-históricos - podem ser tomadas como complexo de relações que ganham características distintas em decorrência de historicidades, jogos de força em relação a pretensos territórios autônomos como centrais, valores, comportamentos, condições socioeconômicas e expressões culturais. Tomada pela referencialidade discursiva da noção de região, a regionalidade, nesse sentido, se conforma como

(...) feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações tanto de proximidade como de distância. O grau, o volume, as características, a complexidade que podem assumir essas relações, tanto as próximas como as distantes, vão depender de diversas variáveis, dentre as quais a mais importante, sem dúvida, é a da existência de canais de comunicação (POZENATO, 2003, p. 9).

Nessa perspectiva, as noções de centro e/ou de fronteiras como regiões e/ou espaços pré-determinados perdem sentido, uma vez que se vinculam a uma ampla teia, nem sempre evidente, de relações de força, construídas e mantidas socialmente. Dito por outras palavras, a ideia de centro, conforme aponta Pozenato (2003), está onde se verifica uma função, demarcando ações de inclusão e/ou de exclusão travadas por meio de relações culturais, políticas, econômicas e discursivas.

Tal lógica pode ser transposta para a compreensão dos processos comunicativos, sobretudo em contextos organizacionais. Partimos do pressuposto de que as organizações, constituídas por sujeitos em movimentos constantes de interação e interlocução, são conformadas por relações de forças e processos comunicativos que instauram disputas, marcam aproximações e diferenças e engendram lugares, o que foi percebido mais fortemente com o acontecimento da pandemia. Conforme pontuaram Oliveira e Mourão (2021), a disseminação do vírus expôs as desigualdades em diferentes níveis e reforçou a influência do mercado capitalista na globalização da cultura, movimentada pelas organizações, em especial as de grande porte.

Nessa perspectiva, a Covid-19 pode ser observada como marco nos processos comunicativos das, nas e entre organizações, sujeitos e sociedade, concomitantemente à precarização do trabalho e à ampliação da vulnerabilidade de sujeitos individuais e coletivos. Também em contextos organizacionais, os impactos foram percebidos em diferentes qualidades e condições: enquanto certo contingente de profissionais pôde atuar em *home-office*, outros e outras precisaram sair de suas casas diariamente, se submetendo às muitas dificuldades provocadas por aquele momento, ou ainda, outro contingente de sujeitos perdeu seus empregos e condições mínimas de sustento digno.

Os processos comunicativos também foram afetados e, naquele cenário, as organizações encontraram muitas alternativas para a comunicação com os diferentes interlocutores, quase todas com ênfase nas tecnologias e nas plataformas digitais. No entanto, a realidade vivida e pesquisas como as que mencionamos anteriormente nos levam a acreditar que as diferentes condições dos sujeitos e os lugares nos quais se encontram também influenciaram – e continuam a influenciar – a comunicação em contextos organizacionais, nos impelindo a pensar na regionalidade como categoria analítica potente ao descortinamento dos processos comunicativos no âmbito das organizações.

Assim, este artigo, de caráter ensaístico, propõe um exercício de reflexão e de conceituação para as noções de regionalidade, globalização/mundialização, e sua relação com os processos comunicativos, sobretudo em contextos organizacionais. Com esse objetivo, este texto se organiza por algumas seções. Inicialmente, buscamos marcar, sobretudo a partir das visões de Costa e Porto-Gonçalves (2006), José Clemente Pozenato (2003) e Milton Santos (2013), a ideia de regionalidade em contraponto e em complemento às de globalização/mundialização, pontuando ainda sua diferença em relação ao conceito de região geográfica, regionalismo e regionalização. Na sequência, acionamos Vera França (2001) e José Luiz Braga (2011) com o intuito de posicionar a noção de regionalidade em meio a alguns esforços epistemológicos para desentranhamento do objeto de estudos da comunicação. Em seguida, executamos movimento semelhante ao posicionar a regionalidade como categoria analítica relevante à compreensão da comunicação nos contextos organizacionais, a partir de Ivone de

Lourdes Oliveira e Carine de Paula (2011) e Rudimar Baldissera (2010). Por fim, após as aproximações supracitadas, empreendemos algumas reflexões possíveis (e ainda preliminares) entre a pandemia da Covid-19 e as regionalidades, tendo como horizonte empírico algumas modulações comunicacionais nas experiências protagonizadas por e em contextos organizacionais.

Lugares como fatores de identificação: a emergência das regionalidades

O mundo globalizado foi, conforme Santos (2013), a grande novidade do final do século XX, em consequência da internacionalização, iniciada nos séculos XV e XVI. Até então, o homem organizava sua vida social e suas relações com o entorno estabelecendo a produção segundo suas forças próprias, suas necessidades e seus desejos. Com a internacionalização, as necessidades do comércio entre coletividades conduziram a novos desejos e necessidades que, segundo Santos (2013), culminaram na globalização e, na sequência, na mundialização da economia, instaurando um novo modelo técnico que unifica a natureza e, nos termos de Gaulejac (2007), tem pretensão de gestionar e financiarizar as relações. “A uma escala mundial corresponde uma lógica mundial que, nesse nível, guia os investimentos, a circulação das riquezas, a distribuição das mercadorias” (SANTOS, 2013, p. 18) e, ainda, as disputas de sentidos em circulação potencializadas pela tecnologia e pelas plataformas digitais que, com seus padrões, pretendem conferir o caráter de mundialização às interações nos diversos contextos sociais, espalhados pelo globo.

Importante mencionar que a globalização corresponde a um amplo projeto ocidental, pautado pelas pretensões racionalizantes e universalizantes da modernidade cuja visada, em última análise, corresponderia à instituição de uma relação não totalmente evidente de forças com um etnocentrismo de base europeia, assumido, no último século, pelo protagonismo dos territórios norte-americanos. Mesmo com o desejo de unificação em torno de tal pretensão universal, Santos (2013, p. 18) evidencia que cada lugar

(...) é ponto de encontro de lógicas que trabalham em diferentes escalas, reveladoras de níveis diversos, e às vezes contrastantes, na busca da eficácia e do lucro, no uso das tecnologias do capital e do trabalho. Assim se redefinem os lugares: como ponto de encontro de interesses longínquos e próximos, mundiais e locais, manifestados segundo uma gama de classificações que está se ampliando e mudando (SANTOS, 2013, p. 18).

Nessa perspectiva, o autor curiosamente ressalta que as relações não foram e não são globalizadas, uma vez que se inscrevem sempre num jogo de forças entre regiões e territórios; entretanto, diante da imposição político-econômico-cultural de um

projeto global, a noção de fronteiras ganhou outra dimensão, delineada pela mídia e pela informação, cada vez mais tecnologizada. Em outros termos, se antes o homem se comunicava com seu entorno, com pouca ou nenhuma mediação, hoje a própria definição de entorno, “próximo ou distante, o Local ou o Mundo, é cheia de mistérios” (SANTOS, 2013, p. 20). Essa definição aumenta a tensão nas relações, acirrando a disputa de espaços antes fundada e visibilizada em questões político-econômicas e, recentemente, em abordagens que privilegiam aspectos culturais, seja pela diferenciação cultural e fortalecimento das identidades socioterritoriais – civilizacionais, nacionais, regionais e locais –, seja pelo intercâmbio ou pelo hibridismo cultural, mesclando identidades e identificações (COSTA e PORTO-GONÇALVES, 2006).

A simples pergunta *de onde você é* aciona essas disputas e carrega em si muito mais do que a expectativa de um lugar como informação ou resposta. A construção de tal questionamento faz emergir sentidos que implicam em identidades e identificações atravessadas pela mundialização, mas marcadas pela permanência na referencialidade do lugar, resultando em percepções e em posicionamentos para os interlocutores em relação e, conseqüentemente, para o processo comunicativo. Parafraseando Hall (2011), podemos dizer que o tensionamento entre regiões, a partir de uma intensa disputa entre imaginários de centro, de margens e de fronteiras, faz emergir identificações que marcam e evidenciam a inevitável expressão de um lugar assumido na interlocução como contexto prévio, atual ou futuro.

É dessa forma que tanto a pergunta feita quanto a resposta esperada trazem à tona aspectos oriundos e/ou relacionados à noção de regionalidade, categoria heurística que se torna saliente ao campo das humanidades, na tradição de inúmeros campos como Geografia, Antropologia, Linguística e Administração, e que pode se mostrar relevante no descortinamento de inúmeras tensões e problemas carentes de desenranhamento também de estudos engendrados no campo da Comunicação. Dessa forma, a regionalidade parece emergir como categoria explicativa capaz de propiciar leituras frente ao contrafluxo dos movimentos de mundialização, situando diferenças e associações na configuração de interações e relacionamentos. Ainda, a mobilidade das pessoas, que ganhou potência com os processos de globalização, favoreceu, segundo Costa (2010, p. 92), “o fortalecimento dos contatos e das trocas à distância entre membros de um mesmo grupo cultural”, corroborando a ideia de Santos (2013) acerca de uma globalização das ideias, e de uma não-globalização das relações, e reforçando os valores e os fenômenos culturais emergentes em lugares tensionados por forças centrais – estas últimas delineadas, na atualidade, por novas fronteiras: as impostas pela tecnologia e pela sociedade midiaticizada.

Nessa perspectiva, assumimos a regionalidade não somente como noção de região geográfica, ou de regionalismo – esta última que busca marcar uma identidade própria, com movimentos de inclusão/exclusão – ou de regionalização – noção mais

utilizada para se pensar em estratégias e instrumentos próprios de gestão (GIL et. all., 2013) –, mas como lente para a apreensão de conflitos, relações e contextos que tenham e/ou acionam um jogo de forças entre projetos de mundialização/universalização materializados em um determinado centro (simbólico, político, moral, econômico e cultural) em relação a lugares postos em proximidade ou em distância com tal centro – regiões, margens, fronteiras. Nesse movimento analítico, interessa-nos tomar a regionalidade como categoria analítica capaz de fazer ver as multifacetadas disputas de sentido e de presença (GUMBRECHT, 2010) inscritas nesse jogo instituído arbitrariamente (e historicamente) por tal centro, insinuando determinadas acomodações da experiência contemporânea em certos arranjos culturais sociotécnicos e espaço-temporais. Por tudo isso, a regionalidade configura-se como

uma dimensão espacial de um determinado fenômeno tomada como objeto de observação. Isto implica em admitir que o mesmo fenômeno, visto sob a perspectiva da regionalidade, pode ser visto sob outras perspectivas. A existência de uma rede de relações de tipo regional num determinado espaço ou acontecimento não os reduz a espaços ou acontecimentos puramente regionais. Serão regionais enquanto vistos em sua regionalidade (POZENATO, 2003, p. 3).

A regionalidade, dessa forma, encontra-se explícita e inevitavelmente presente nos processos comunicativos – ainda que latente ou subsumida de sua identificação sócio-cultural-territorial, em nome de um imaginário universal (falido) posto como central. O lugar, como resposta ao *de onde você é*, aparece como valor, posicionamento e identificação e, muitas vezes, em contraponto à própria pretensão arbitrária da globalização. Esse gesto de marcação da regionalidade demonstra que sujeitos e experiências, na visão de Santos (2013), têm um mínimo de fixação nos lugares, ainda que a cultura globalizante tente (e tenda a) abstrai-las em direção a um centro homogêneo, nunca totalmente alcançado. De tal sorte, podemos inferir, em menção a Braga (2011), que a regionalidade aciona circuitos que podem ser mais abrangentes, difusos e complexos, constituindo-se como respostas na interação social frente a disputas e a tensões instituídas por centros propostos (e pretendidos) – e é por esse movimento que lançamos, nas próximas seções, a empreitada de uma aproximação epistemológica mais ostensiva entre a regionalidade e o campo da Comunicação.

Comunicação, contextos organizacionais e regionalidade

Assumimos como pressuposto que a comunicação é interacional e de natureza incerta e transdisciplinar (FRANÇA, 2001; BRAGA 2011). França (2001) levanta questões acerca do objeto da comunicação identificando-o como processo relacional constituintor e atravessador seja de meios de comunicação, seja de contextos comunicativos,

cuja retomada neste artigo torna-se imprescindível. Os meios, postulados como objeto empírico, ocuparam as pesquisas durante muito tempo, especialmente com os estudos da comunicação de massa. No entanto, além de constatá-los como um objeto amplo demais, que pode ser estudado por diferentes disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, os meios de comunicação ou a mídia podem se configurar como uma forma redutora de se estudar a comunicação. Os processos comunicativos ascendem então como um outro objeto, compreendidos como produção e circulação de significações, contidas nos “processos humanos e sociais de produção, circulação e interpretação de sentidos, fundados no simbólico e na linguagem.” (FRANÇA, 2001, p. 6). Tal perspectiva é também considerada como muito ampla pela autora (2006, p.6), mas ambas, conforme ressalta, têm potência para indicar a especificidade da comunicação, uma vez que:

Não importa o quão abundantes, espalhadas e permeadas em outras atividades sejam determinadas práticas que chamamos “comunicativas”. A especificidade vem do olhar, ou do viés, que permite vê-las e analisá-las enquanto comunicação, isto é, na sua natureza comunicativa (FRANÇA, 2001, p. 6).

Em consonância com a autora, Braga (2011, p. 66, grifos do autor) ressalta que “o objeto da Comunicação não pode ser apreendido enquanto “coisas” nem “temas”, mas sim como um certo tipo de processos epistemicamente caracterizados por uma perspectiva comunicacional”. Para o autor, os esforços dos estudos da Comunicação devem ser dirigidos à percepção dos processos sociais pela ótica da comunicação, o que evita a dispersão da área. “Preferimos então utilizar a expressão “interação social” (ou, quando necessária maior explicitação, “interação comunicacional”), ou ainda simplesmente “interação” – abrangendo, mas não se restringindo àquelas trocas do modelo alternativo-recíproco”. (BRAGA, 2011, p.66, grifos do autor).

Nessa perspectiva, acontecimentos como o da pandemia da Covid-19, por exemplo, podem ser vistos e compreendidos a partir de aspectos e fatores decorrentes da regionalidade como um “ângulo prioritário da comunicação que os organiza e deles decorre” (BRAGA, 2011, p. 67). Em outros termos, funcionaria como uma interface para olhar a sociedade, pelo enfoque comunicacional, confirmando-se como um espaço de trabalho construtivo do conhecimento comunicacional.

Muitas pesquisas da área ocorrem nessas interfaces – Comunicação e Política, Comunicação e Educação, Comunicação e Cultura; Comunicação e diversas questões sociológicas, linguísticas, antropológicas, etc. Em todas estas áreas de pesquisa, uma questão se põe como fundamental para assegurar possibilidades de avanço de conhecimento em

⁵ Crises relacionadas à dinâmica de preço e às dinâmicas de trabalho, operadas pelos motoristas parceiros, eram constantes, demandando retratações da organização.

Comunicação e de contribuição comunicacional para as CHS: o que há de comunicacional nessa interface? (BRAGA, 2011, p. 64).

Afunilando um pouco mais o nosso olhar, buscamos trazer a regionalidade para pensarmos a comunicação em contextos organizacionais. Nesse sentido, assumimos organizações como resultado das “relações entre sujeitos que se realizam como forças em diálogo, selecionando, circulando, transacionando e construindo significação por meio de processos comunicacionais” (BALDISSERA, 2010, p. 61). Podemos dizer, com isso, que as organizações se constituem de relações entrecortadas por poderes e interesses que se articulam por meio de dinâmicas interativas com vistas a garantir sentidos e intencionalidades requeridos pela gestão e pelo negócio (OLIVEIRA e PAULA, 2011).

Assim, no espaço comum onde os interesses se encontram – ainda que com objetivos distintos –, a interação se dá e, por meio dela, os sujeitos individuais e coletivos significam e conferem sentidos a valores e a práticas organizacionais contextualizadas. Compreendidas em seus aspectos de regionalidade, as práticas e os sentidos significados e ressignificados pelos sujeitos em interação configuram-se como um espaço de trabalho construtivo para o conhecimento da comunicação, especialmente em contextos organizacionais. Nesse lugar, as organizações funcionariam tanto como parte de um projeto moderno (MAFRA, 2021), em meio às quais emerge a pretensão de constituição de um centro simbólico, material, cultural e econômico, em torno do qual gravitariam os projetos de futuro de sujeitos e coletividades; quanto como parte de uma lógica de espalhamento territorial e espacial, sobre a qual a busca por centros de gestão e de poder tentam, sob todas as forças, induzir a busca por comportamentos estratégicos esperados em torno de objetivos comuns.

Dito por outras palavras, a regionalidade se torna uma categoria analítica relevante à compreensão da comunicação nos contextos organizacionais sobretudo por ser capaz de revelar: a) os desejos de universalização da própria modernidade, frente ao seu projeto organizador a partir do progresso e do capital; b) as pretensões de crescimento, imperialismo territorial, desenvolvimento e espalhamento diante de territórios, frente às necessidades de imposição de um centro gestor posto como universal e os inevitáveis processos de negociação, imposição e/ou violência aos sujeitos presentes em espaços, lugares e territórios resistentes ao projeto indicado; e c) as relações de força instituídas entre um centro gestor organizacional e as diversas regionalidades internas e externas, reveladoras de pontos de identificação distintos, tensionadores de novos processos de identificação (BALDISSERA, 2007) nos modos como determinadas identidades organizacionais se constituem frente a demandas e a emergências interacionais postas numa relação de regionalidade (com suas diferenças, fronteiras, margens, distanciamentos e/ou aproximações com o centro gestor pretensamente universal).

As regionalidades e a pandemia da Covid-19: leituras possíveis a processos comunicativos em contextos organizacionais

Pensar a comunicação nos contextos organizacionais a partir da categoria da regionalidade é gesto que demanda escolhas e caminhos múltiplos. Neste texto, pretendemos anunciar, de modo ensaístico, algumas pistas possíveis, estas que demandam, em trabalhos futuros, aproximações com tradições metodológicas propícias, a depender das perguntas de pesquisa e dos problemas reflexivos engendrados. Contudo, como esforço inicial, apostamos nas pistas, nos indícios e nos sinais, conforme propõe Braga (2008), como percurso possível aos estudos em comunicação, a partir de um movimento epistêmico que dê conta de problematizar tais fragmentos a partir de tensionamentos epistemológicos gerais, aos quais o autor nomeia como inferências de campo.

Sendo assim, numa primeira pista possível, podemos mobilizar a comunicação realizada de modo global pela Organização Mundial da Saúde (OMS), diante da instituição da própria pandemia. A partir de verificações epistêmicas enraizadas em conhecimentos científicos, tal organização advogou, para si, o lugar de centro simbólico, orientador dos territórios dispostos pela lógica dos Estados-Nação, de modo a orientar e a conduzir estratégias globais para enfrentamento dos cenários pandêmicos. Nesse momento, regionalidades emergem como resultantes de um jogo de forças momentâneo, referente às configurações do poder político de cada Estado-Nação: no caso do Brasil, por exemplo, a partir de uma gestão pública pautada no negacionismo científico, numa necropolítica (MAFRA e MARQUES, 2021) condutora de uma estratégia de governabilidade e em forças neoliberais protetoras do capital e de sua circulação, os contextos brasileiros evidenciaram processos de distanciamento de tal centro simbólico, indicador de regionalidades portanto reveladoras de valores, comportamentos, prescrições e horizontes políticos, pautados então pela figura do Presidente da República, Jair Bolsonaro. As interações organizacionais produzidas pela Presidência causaram extremo desarranjo em relação às estratégias globais, insinuando uma política irresponsável, causadora de danos irreparáveis aos cidadãos, bem como estimulando uma política macabra, sem qualquer ensejo ostensivo de proteção à vida, à integridade e à saúde como política pública alinhada à OMS.

Entretanto, outros órgãos do Estado Brasileiro, como é o caso de instituições do Poder Judiciário, e mesmo parte das instituições legislativas, caminharam de modo a produzir aproximações com o centro simbólico da OMS, gesto este que, apesar de ter garantido a possibilidade de que políticas pudessem ser minimamente atendidas (como foi o caso da política de proteção financeira e a própria política de vacinação), um caos estratégico, num momento extremamente delicado, foi instituído, deixando marcas indeléveis nos modos como a pandemia afetou os territórios brasileiros – ao contrário de algumas outras regionalidades nos contextos globais. Nesse lugar, a comunicação

nesses contextos é reveladora de tais processos e insinuadora do jogo de forças entre centro, margens, fronteiras e distanciamento, tendo os cenários organizacionais como âmbitos propícios ao estudo das estratégias, das historicidades e dos projetos de futuro então revelados pelo acontecimento da pandemia.

Um outro corte analítico possível para se pensar as regionalidades presentes na comunicação em contextos organizacionais se refere ao modo como os processos de trabalho foram instituídos nos cenários forçados de isolamento social. Durante a pandemia da Covid-19, a preocupação das organizações com as ações de comunicação com vistas a manter o engajamento de empregados e demais públicos de relacionamento e a presença do lugar da organização na vida descontextualizada, com a mudança do local de trabalho para as casas, foi uma das prioridades de inúmeras organizações (OLIVEIRA e MOURÃO, 2021). Todos os esforços foram no sentido de manter a organização como lugar de valores, crenças, ritos e rituais, presente por meio da tecnologia e no trabalho em *home office*. Novamente, ressaltamos, para apenas uma parte de trabalhadores e trabalhadoras que puderam usufruir desse modelo de atuação e de relação profissional: a pandemia também foi reveladora de vulnerabilidades, precariedades e fragilidades nas relações trabalhistas, bem como nos sentidos de proteção, cuidado, dignidade humana e integridade física e emocional por parte de inúmeros outros contextos organizacionais, acessados e interpretados pela comunicação.

No entanto, parafraseando Santos (2013), nos cenários pandêmicos ficou explícita a impossibilidade de se globalizar e/ou de se tecnologicizar as relações: novas dinâmicas, em função de novas negociações e elementos presentes num global presumido, embora regionalmente implementado, emergiram, e desafiaram gestores, empregados e públicos consumidores, em meio a emergência de novos processos logísticos de distribuição, controle e monitoramento de ações de comunicação. A produção de rituais de identificação – o *vestir a camisa*, no caso de empregados – bem como a busca por estratégias de marketing – no caso especial de consumidores – mergulharam nos cenários digitais, em vista de se almejar não apenas o engajamento, mas o controle e, no caso dos empregados, podemos inferir que tal gesto, em alguns casos, pode ter se dirigido às suas redes sociais, atribuindo-lhes novas configurações, cerceamentos e imposições diante de mecanismos constantes de vigilância por parte da gestão (MARQUES e MAFRA, 2021). Entretanto, foi paradoxalmente por frestas e brechas permitidas por tais tecnologias que novas regionalidades, em relação a um centro gestor, também puderam emergir, produzindo potências e novos arranjos possíveis, ainda que sob o risco de que vestígios e pegadas virtuais denunciasses as conversas íntimas, e registrassem eventuais processos de catarse coletiva diante das imposições e dos processos de vigilância postos nas relações de trabalho virtuais.

Sendo assim, organizações formadas por redes espalhadas por múltiplos territórios tiveram, na tecnologia, a aposta na produção de seus projetos de universalização ora pretendidos. Entretanto, processos identificatórios e redes interacionais emergiram,

reveladoras dos argumentos de Santos (2013): as relações ganharam corpo e forma em contextos de regionalidades, fazendo aparecer modos pelos quais organizações – pautadas pelo Estado, pelo Mercado e pela Ciência – interpelaram a própria pandemia, a partir de dados econômicos, sociais, culturais, políticos e comunicacionais. Nesse cenário, estratégias em redes de organizações – como foi o caso do Consórcio de Veículos de Imprensa – foram responsáveis por evidenciar um mapa mutante de espraiamento da pandemia da Covid-19, estampada, diariamente nos telejornais brasileiros, com dados oficiais sobre os números de mortes, de vacinações e de estabilizações da doença nos territórios brasileiros. Nesse lugar, pesquisas, como as citadas na introdução deste texto, tornam-se dados estratégicos relevantes na comunicação em contextos organizacionais sobretudo para indicar nuances, demandas e características interacionais pautadas por regionalidades, fato este que parece ter produzido processos identificatórios sobre os quais a universalização escancarou sua falência frente a desigualdades sociais, políticas, culturais, econômicas, laborais e comunicacionais.

Por fim, é possível referenciar redes de organizações pautadas pela solidariedade e pela ajuda mútua, como foi o caso das redes implementadas pelo padre Júlio Lancelotti, frente à população de rua em São Paulo, que escancararam tanto os problemas do projeto modernizador quanto as falácias macabras e negacionistas do Estado brasileiro diante da OMS e de demandas pela sobrevivência de sujeitos – estes últimos os quais, de partida, não poderiam seguir as orientações de isolamento social, simplesmente porque não atendiam a seu critério basilar: não eram tributários de propriedade privada (não tinham casa); e, se já foram, muitos a perderam em função de demissões empregatícias e crises econômicas.

Esses e outros exemplos possíveis aqui não mencionados são reveladores de pistas que merecem ser aprofundadas. Tais indícios insinuam, ainda que de modo preliminar, as regionalidades como categorias analíticas reveladoras de um jogo de forças entre centro e demais lugares, jogo este em meio ao qual as interações são tributárias de experiências que se acomodam sócio-historicamente; e sobre o qual situações comunicativas emergiram, em profusão, na e pela pandemia da Covid-19, diante da urgência posta por um problema público. Tal problema, carente de soluções e de enfrentamentos coletivos, foi notadamente pautado por diferenças e por múltiplas configurações, das quais organizações participaram em interações marcadas por regionalidades, como complexo de relações que ganharam características distintas e marcaram os processos comunicativos então emergentes.

Considerações

Apreender a noção de regionalidade configura-se como uma lente epistemológico-teórico-analítica potente para se compreender os processos comunicativos, sobretudo em contextos organizacionais. No mundo moderno, com pretensões universais

de totalidade, a regionalidade transformou-se no fator de diferença e de aproximação, apresentando potência para estudar experiências comunicativas que se acomodam em consequência de suas características e/ou elementos particulares. Ainda, a existência de diferentes possibilidades, tecnologias e plataformas de comunicação nos dias de hoje demarca cada vez mais a noção de regionalidade segundo os novos parâmetros de fronteiras, de margens, de distâncias e/ou de aproximações com um determinado centro ora pronunciado.

Devemos ressaltar que apresentamos aqui as primeiras reflexões acerca da interface entre regionalidade e comunicação organizacional. Pouco explorada nos estudos da Comunicação, a regionalidade e sua interface com a comunicação começam a ser trabalhadas na Universidade Federal de Viçosa, por professores, estudantes e pesquisadores ligados ao campo da Comunicação. Nossa expectativa com esse ensaio está em instigar curiosidades e estudos acerca dessa interface que temos percebido como potência para a apreensão da Comunicação e, de modo peculiar, da comunicação em contextos organizacionais. Dessa forma, reconhecemos a abordagem preliminar e esperamos que estudos futuros sejam desenvolvidos, aprofundando teórica e metodologicamente as aproximações epistemológicas e as pistas analíticas aqui aventadas, tomando a pandemia da Covid-19 como contexto comunicacional de referência. Por tudo isso, apostamos nas regionalidades como expressões de relações comunicacionais, capazes de oferecer leituras aos modos como interações e sentidos em disputa são conformados em diversos (e sempre inacabados) contextos, dentre os quais destacamos aqueles pautados pelo jogo de forças instituído por organizações.

Por fim, destacamos que o acontecimento da Covid-19 em âmbito mundial marcou e fez aparecer, com nitidez, diversas regionalidades postas em escala de avaliação, hierarquização, prestígio e punição em relação a inúmeras disputas advogadas por múltiplos centros – científicos, políticos, econômicos, morais –, nem sempre coincidentes e comuns. Reforçou ainda que, mesmo em processo de mundialização das relações humanas, as regionalidades, bem como as interações e os sentidos por elas acionados, exercem suas relações de forças em disputa, em contraponto à já falida – embora sempre atualizada – ideia de mundialização unificada. Nesse lugar, as regionalidades não se apresentam apenas como categorias abordadas e significadas por um único centro: ao contrário, muitas delas, em contrafluxo à própria globalização, advogam, para si mesmas, a centralidade de suas escolhas, experiências, estratégias e ações, produzindo gestos de resistência e de sobrevivência, frente à violência de um projeto universalizador, presente como força concreta nos modos de produção e de reprodução da vida social contemporânea, ainda que em visível crise.

Referências

- BALDISSERA, Rudimar. Organizações como complexus de diálogos, subjetividades e significação. In: KUNSCH, Margarida M. Krohling (Org.). **A comunicação como fator de humanização das organizações**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2010. P. 62-74.
- BRAGA, J. L. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008.
- BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. In: **Verso & Reverso**, vol. XXV, n. 58, janeiro-abril 2011.
- COSTA, Rogério Haesbaert da; PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- COSTA, Rogério Haesbaert da. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. In: **Antares**, nº 3 – Jan/jun 2010.
- FRANÇA, Vera. Paradigmas da comunicação: conhecer o quê? In: **Ciberlegenda** – Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense, n. 5, 2-19, 2001.
- GAULEJAC, Vincent de. **Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social**. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2007.
- GIL, Antônio Carlos et al. Fundamentos Científicos da gestão para o desenvolvimento da regionalidade. In: **Revista de Ciências da Administração**, v.14, n.35, p. 68-81, abr 2013.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de Presença** - o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto e Ed-Puc Rio, 2010.
- HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. In: **ANTARES**, nº 3 – Jan/jun 2010.
- MAFRA, Rennan. As organizações modernas e o contemporâneo: notas para uma leitura comunicacional do presente. **Logos**, [S.l.], v. 28, n. 3, p. 89, out-dez. 2021.
- MAFRA, Rennan; MARQUES, Ângela. Interrupção da política e progresso intensificado: espetáculo, necropolítica e polinização na comunicação organizacional em tempos de pandemia. In: HOHLFELDT, Antonio Carlos et al (orgs). **Impactos e aprendizados da pandemia de covid-19 na perspectiva dos relacionamentos organizacionais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 203-222.

MARTINS, Adriana Sotero et al. Condições socioeconômicas e impactos da pandemia da Covid-19 na região da Sub-Bacia do Canal do Cunha, Rio de Janeiro. **Saúde em Debate [online]**. 2022, v. 46, n. 133 [Acessado 12 Setembro 2022], pp. 290-303. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104202213303>>. Epub 17 Jun 2022. ISSN 2358-2898. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202213303>.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; MOURÃO, Isaura. Acontecimento desarticulador de relações e sentidos: Impactos da pandemia da covid-19 na cultura e na comunicação em contextos organizacionais. In: HOHLFELDT, Antonio Carlos et al (orgs). **Impactos e aprendizados da pandemia de covid-19 na perspectiva dos relacionamentos organizacionais**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2021. p. 203-222.

OLIVEIRA, Ivone de Lourdes; PAULA, Carine. A comunicação no contexto das organizações; produtora ou ordenadora de sentidos? In: OLIVEIRA, I. L.; SOARES, Ana The-reza. **Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações**. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2011. p. 91-108.

POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: POZENATO, José Clemente. **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural**. Caxias do Sul: Educs, 2003.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.